

James Bannerman

A IGREJA EM SUA DUPLA CARACTERÍSTICA CATOLICA LOCAL



Os Puritanos

A Igreja em Sua Dupla Característica: Católica e Local

© 2012, Editora Os Puritanos/Clire

Extrato da grande e clássica obra do Dr. James Bannerman: “A Igreja de Cristo”, que será publicado em 2013 pela Editora Os Puritanos/CLIRE

1ª Edição em Português – dezembro 2012 - Edição Digital

É permitido baixar e compartilhar esta publicação digitalmente, seno vedada a reprodução total ou parcial desta publicação por meio impresso, sem autorização por escrito dos editores, exceto citações em resenhas.

EDITADO POR Manoel Canuto

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO CAPA E MIOLO Heraldo F. de Almeida

Bannerman, James, 2012

A Igreja em Sua Dupla Característica: Católica e Local

Recife: Editora Os Puritanos/Clire, 2012

24 p.: 14 x 21 cm

1. Igreja 2. Eclesiologia 3. Igreja Católica e Local

A Igreja em Sua Dupla Característica: Católica e Local

Um extrato da grande e clássica obra do Dr. James Bannerman: “A Igreja de Cristo”, que será publicado em 2013 pela Editora Os Puritanos/CLIRE

James Bannerman



Os Puritanos

A Igreja em Sua Dupla Característica: Católica e Local

SE TODOS os cristãos professos do mundo inteiro pudessem reunir-se num só lugar, e participar da observação das ordenanças em uma só comunidade, formariam uma associação visível no sentido mais exato da palavra *unidade* — unidos entre si, e separados do restante da humanidade pela profissão de uma fé comum, e pela participação nas mesmas solenidades exteriores. Tal estado de coisas, contudo, nunca jamais se concretizou na terra desde o dia em que cento e vinte discípulos se reuniram no cenáculo em Jerusalém, ou melhor, desde o dia em que, em torno de uma mesa, e na participação de um só pão e um só cálice, os discípulos de Cristo sentaram-se junto com o seu Senhor e participaram da primeira Ceia do Senhor antes que ele fosse imolado. Não era a intenção de nosso Senhor que essa unidade local e visível dos seus seguidores continuasse, porque a sua continuação se tornaria inconsistente com o avanço do seu Evangelho no mundo. Num período bem curto a palavra do Evangelho moveu-se de Jerusalém para as mais distantes regiões da terra, sendo plantada em cidades e países muito afastados uns dos outros, e reuniu em diferentes e separados grupos cristãos, onde quer que fosse recebido, homens que nunca viram, e nunca foram destinados a ver uns aos outros na carne. A unidade de um único grupo cristão, reunido sob um único teto em Jerusalém, logo foi trocada pela diversidade de vários grupos distintos de cristãos reunindo-se para adorar em lu-

gares separados, e espalhados mais ou menos por todo o mundo civilizado. A pregação das boas novas da salvação que começou em Jerusalém não se destinava a ficar confinada dentro dos seus muros: o Evangelho devia ser proclamado a toda criatura debaixo do céu. A distância dos lugares, a diferença de país, de raça e linguagem logo interviriam necessariamente para dissolver a unidade visível dos discípulos de Cristo.

Ora, se considerarmos o verdadeiro fato histórico da separação dessa forma efetuada entre os seguidores de Cristo, tão logo o cristianismo foi difundido no mundo, ocorre-nos a pergunta: Qual é a relação que essas duas associações mantêm uma com a outra e com todos os crentes da terra? Existe alguma coisa em comum nos princípios que professam, ou nos objetivos que tentam alcançar, que seja suficiente para superar a distância de lugar e a distinção de linguagem, e conceder a todas essas associações de adoradores uma unidade real, apesar da separação local e visível? A resposta a essa questão traz à luz a consideração do duplo aspecto sob o qual a igreja cristã pode ser considerada como local e católica — local, como limitada a um lugar, e separada pela distância de lugar e por outros obstáculos da comunhão visível e ordinária com outros grupos; e apesar disso católica, como possuidora de uma elevada unidade na fé ou na profissão de um só Senhor e Salvador.

A característica da igreja cristã, de ser católica em contraposição com ser local deve ser explicada em dois sentidos, conforme se refere mais especialmente à igreja invisível ou à igreja visível de Cristo. Em ambos os casos, a comunidade cristã deve ser considerada católica, embora sob aspectos um tanto diferentes.

I. Em primeiro lugar, a igreja invisível de Cristo, formada de todos os verdadeiros crentes em todo o mundo, é *católica*, ou, em outras palavras, não está confinada a nenhum lugar nem a povo algum. A esse respeito, ela permanece em contraste com o sistema limitado e local da igreja sob a dispensação judaica. A igreja judaica, quando constituía a comunidade dos adoradores de Deus, era

local, e não católica. Ela tinha seu centro em Jerusalém, e a sua circunferência chegava até os limites geográficos da Judeia. Com um templo local para os adoradores, e um altar para as suas ofertas, com o mandamento de dirigir-se três vezes por ano até Jerusalém para observar as festas solenes, com um sacerdócio nacional e tendo como membros os que pertenciam à nação judaica — a igreja, sob a dispensação anterior, tinha como propósito e tinha sido preparada para não ser nada mais do que uma igreja limitada e parcial. Há um contraste evidente entre tudo isso e a igreja cristã sob o Evangelho. Agora não há um local central para o culto religioso do povo de Cristo — não há um lugar santo para o qual precisam retornar pessoalmente para adorar, ou em direção do qual, quando estiverem longe, precisem voltar o rosto em oração. Os homens agora não adoram o Pai nem em Jerusalém, nem no templo. Onde quer que seja, em toda a terra, onde houver um verdadeiro adorador, ali está um verdadeiro templo de Jeová, e ali ele pode ser adorado em espírito e em verdade. Não existe mais um sacerdócio nacional limitado a uma raça apenas, e encontrado apenas entre os filhos de Arão. Existe, agora, um só Sacerdote para todos, o qual assumiu forma humana, não apenas pelos judeus, mas pela raça humana toda — um Sacerdote suficiente para todos, e comum a todos. Não existe mais agora participação de uma nação apenas na igreja de Cristo, limitada a uma família e seus descendentes ou para uma única raça favorecida; mas na comunhão de uma fé e um só espírito, todos, de qualquer tribo ou língua que seja, são um com Cristo, e um com todos os outros que partilham da mesma fé. As barreiras limitadoras do sistema anterior foram derrubadas; e na concessão do Espírito a todos os crentes, e na comunhão do Espírito de forma igual a todos, estabeleceu-se o fundamento da igreja, não mais confinada a uma nação apenas como era sob a lei, mas no mundo inteiro e de forma universal. Na universalidade desse mesmo Espírito, recebido por todos, e concedido a todos os que são verdadeiros discípulos de Cristo em todo o mundo, vemos a provisão feita para uma igreja que não está mais limitada a um

só país, e já não é peculiar a um povo só. Na *universalidade* de um só Espírito, indiviso, apesar da separação geográfica, da diferença de parentesco e linguagem, vemos a provisão feita para ligar em uma só igreja todos aqueles a quem tenha sido concedido esse Espírito, sem importar o nome que tenham, ou a que classe pertençam. Causas de separação exteriores e terrenas são superadas e controladas por esse princípio de unidade mais elevado. As diferenças de raça ou língua não são diferenças para serem consideradas entre os seguidores de Cristo, que estão ligados uns aos outros por aquele mesmo Espírito. As distâncias geográficas não são distâncias para serem consideradas entre aqueles que são participantes do mesmo Espírito Santo. As igrejas locais ou comunidades, separadas fisicamente e pela forma de adoração exterior, unem-se na unidade de uma comunhão mais elevada. Separadas pelas formas exteriores de adoração, unem-se na comunhão do mesmo Espírito. Os grupos de cristãos em todo lugar do globo terrestre, que adoram a Deus em sinceridade e em verdade, formam uma unidade apesar da distância existente entre uns e outros; e todos eles precisam ser considerados como ramos da universal igreja de Cristo em todo o mundo — a grande comunidade dos crentes, separada pela distância geográfica, pelo parentesco, e pela língua, que não tem condições de juntar-se num só lugar, fisicamente, mas que de fato se reúne no Espírito. A igreja invisível de Cristo na terra é local, mas também é católica, universal.

II. Em segundo lugar, a igreja visível de Cristo, formada de todos os que professam a verdadeira religião, no mundo todo, também é católica ou universal. A catolicidade da igreja visível baseia-se em fundamentos um tanto diferentes daqueles em que a catolicidade da igreja invisível se fundamenta; mas nem por isso é menos real, nem menos claramente reconhecida nas Escrituras. No caso anterior, falamos da igreja invisível como católica, porque o elo de união entre os seus membros é a comunhão de um só Espírito, incluindo a todos, e distribuído igualmente a todos; no

outro caso falamos da igreja visível como católica porque o elo de ligação entre os seus membros é uma profissão pública comum a todos, e um relacionamento federal exterior com Cristo. A igreja católica visível não é uma mera ideia abstrata — uma expressão conveniente para todos os cristãos que professam exteriormente a fé em Cristo em todo o mundo. É muito mais do que isso: ela é formada de todos os cristãos que, professando de forma visível a fé em Cristo, fazem parte, por meio dessa profissão, de um corpo coletivo, e se encontram em um relacionamento pactual exterior com Cristo. Isso, no que respeita à igreja visível, é a aplicação fundamental e normal do termo nas Escrituras. A aplicação do termo a igrejas locais ou a congregações separadas é apenas um sentido secundário e auxiliar. Essa igreja católica visível é reconhecida nas Escrituras como uma comunidade real, que possui certos privilégios coletivos, e se encontra num certo pacto exterior com Cristo. Os seus privilégios são os seguintes: uma provisão exterior de governo, as ordenanças, e a adoração, designados por Cristo para o benefício de todos os que participam deles, e deles fazem correto uso. O elo de ligação entre os seus membros é uma comum profissão de fé, e uma comum submissão dos membros ao governo eclesiástico e a uma mesma comunhão eclesiástica. Na unidade e, contudo, na universalidade dessa profissão externa e desse relacionamento externo com Cristo, reconhecemos o fundamento estabelecido para a catolicidade da igreja visível na terra. Há uma unidade na profissão exterior de todos os seus membros, que, apesar das diversidades de menor importância e meramente acidentais quanto ao lugar, posição social e forma de administração, permanece indivisível, e os mantém unidos em um só corpo — unidos entre si mesmos, e separados do resto da humanidade. Há uma universalidade nessa profissão externa e nesse relacionamento com Cristo em uma expressão eclesiástica, que envolve todos aqueles que professam ser discípulos de Jesus em todo o mundo, e que não se limita a classe nenhuma, e não é especificamente de povo nenhum. A separação, então, das congregações

dessa igreja visível, umas das outras, seja por causa de distância geográfica, seja por diferença de linguagem, seja por diferentes modos de governo, por diferentes modos de adoração e diferentes observâncias exteriores, é uma separação fortuita e não essencial, e não pode influenciar o fato da mais elevada unidade que pertence aos membros que foram entrelaçados em uma mesma profissão de fé em Cristo, e incluídos juntamente no elo de um pacto exterior. As diferenças locais e fortuitas são absorvidas pela unidade mais elevada e essencial que lhes pertence, pois são todos igualmente membros de uma comunidade que Cristo selou com o selo dos privilégios exteriores, e reconheceu como o seu reino na terra. Essas diferenças que existem neste mundo entre os crentes professos e as diferentes igrejas, tanto com respeito a opiniões quanto com respeito a práticas, podem de fato ser muito numerosas e grandes; e delas não se deve subestimar a importância nem negar que existam. Mas contanto que essas diferenças não sejam tais que desfaçam a sua comunhão com Cristo, e que não os separem de tal forma que não sejam mais igrejas dele, existe algo ainda mais elevado e importante do que essas diversidades, por maiores que sejam. Elas não devem ser comparadas com o privilégio comum do relacionamento pactual em que todas as suas igrejas se encontram com ele; e todas as diferenças inferiores e acidentais se perdem na unidade de uma comunhão exterior com ele. Entre as muitas igrejas que havia no tempo do Novo Testamento, afastadas umas das outras geograficamente, e por diferentes linguagens, e pela variedade de opinião e de governo, ouvimos falar, porém, de *um só* reino de Deus, e não mais do que um. A igreja visível era uma e universal, envolvendo todos e unindo todos; e as muitas igrejas locais, separadas umas das outras por toda a parte, estavam ligadas e associadas em uma só igreja católica do Salvador.

Quer falemos, então, da igreja invisível ou da igreja visível de Cristo na terra, elas são, como comunidades, católicas ou universais, e não meramente locais e limitadas a um lugar ou a um povo. A ideia principal e fundamental da igreja invisível é a de uma

comunidade que abrange todos os crentes verdadeiros de todo o mundo, e, como comunidade, encontra-se num relacionamento espiritual com Cristo. A ideia auxiliar e secundária da igreja invisível é a de uma comunidade limitada a um lugar, e que forma o corpo local dos cristãos verdadeiros naquele lugar. Dessa mesma forma, a ideia principal da igreja visível é a de uma comunidade que abrange todos os cristãos professos de todo o mundo, e que se encontra num relacionamento federal exterior com Cristo. A ideia secundária é a da definição da igreja visível por meio dos limites de alguma localidade específica, e que forma a igreja local e distinta naquele lugar. Com isso reconhecemos não duas igrejas de Cristo, mas uma igreja sob dois aspectos diferentes. Em suma, temos, em ambos os casos, a comunidade cristã em suas duas características: católica e local.

Assim sendo, existem várias conclusões importantes que se encontram ligadas aos princípios que acabamos de expor. Eu gostaria de me referir brevemente a alguns deles.

I. Em primeiro lugar, os princípios expostos a respeito da igreja local e católica servem para evidenciar a natureza do relacionamento em que tanto os membros como os ministros de igrejas diferentes se relacionam uns com os outros, apesar da separação existente. A distância geográfica, que a disseminação do evangelho pelo mundo todo tornou inevitável, contribuiu, juntamente com outras causas, para produzir uma aparente ruptura na unidade da igreja católica. Mais do que isso, e pior do que isso: as diferentes interpretações das Escrituras têm inserido entre os cristãos professos uma desigualdade de crença a respeito das doutrinas do cristianismo. Opiniões contrárias, também, quanto às formas de governo e maneiras de adoração indicadas para a igreja cristã têm conduzido a rupturas aparentemente irreconciliáveis entre eles. E agora a vasta comunidade dos cristãos professos em todo o mundo se vê separada e dividida em setores que não é a distância geográfica que mantém afastados, mas sim a diferença de opinião

e prática; de forma que, ao mesmo tempo que professam adorar um só Deus por meio de um só Mediador, eles não se reuniriam para adorar em conjunto, mesmo que pudessem fazê-lo. Assim sendo, é importante ressaltar o quanto essa separação entre o grupo de cristãos professos se deve à fraqueza ou à perversidade do homem, e quão pouco à característica essencial e à natureza da igreja de Cristo. Não se deve esquecer que a igreja visível de Cristo, embora decomposta em comunidades locais e separadas, pela própria natureza do caso, nem por isso deixa de ser católica, e os membros dela realmente são um, em sua qualidade de membros, e isto não apenas em teoria. A qualidade que os cristãos recebem como membros da igreja diz respeito primeiramente e principalmente à igreja católica, e não a alguma igreja específica e local. O fato de serem membros desta ou daquela comunidade local de cristãos professos é uma circunstância acidental, devida ao lugar ou à comunidade em que a Providência possa ter ordenado como a sua habitação; mas ao se tornarem membros dessa igreja local, tornam-se membros da igreja católica e universal. A sua admissão por meio do batismo na comunidade ou congregação específica de qualquer lugar lhes garante acesso à igreja como um todo; e a sua justa exclusão dessa comunidade por meio da excomunhão remove deles os privilégios da igreja universal. O crente não é, em absoluto, tanto um membro de qualquer igreja local quanto da igreja católica de Cristo, que não se encontra confinada a nenhum lugar e a nenhum povo. De forma semelhante, os ministros da igreja cristã não são apenas ministros de determinada comunidade específica, mas de toda a comunidade visível de crentes. Talvez seja necessário, para a proveitosa execução do seu ofício, e para o proveito da igreja, que sejam separados ministros específicos para trabalhar em cargos específicos, como sendo exclusivamente deles. Mas o seu ministério não se limita a isso. A sua comissão como pregadores do Evangelho é uma comissão ampla com a igreja visível de Cristo; e eles estão livres para exercer o seu ministério onde e quando quer que tenham alguma oportunidade regular de

fazê-lo. Tanto os membros quanto os ministros estão ligados, em primeiro lugar, à igreja católica ou universal, e somente em segundo lugar à uma igreja local ou específica. Nessa relação que todos os cristãos professos, sejam ministros ou membros, mantêm dessa forma em comum com a igreja católica, apesar da separação geográfica ou devida a outras circunstâncias, vemos a base para as igrejas locais manterem comunhão umas com as outras. As diferenças de doutrina ou de governo ou de formas de adoração podem de fato atrapalhar a comunhão delas — e não sem pecado de um lado ou de outro; mas não se deve esquecer jamais que tanto membros quanto ministros, embora separados, se de fato pertencem inteiramente à comunidade cristã, não pertencem, propriamente, a várias igrejas, mas a uma só; e que estão em comunhão, não tanto com várias comunidades locais, mas sim com a única igreja católica do Redentor.¹

II. Em segundo lugar, os princípios apresentados demonstram o mal dos cismas, ou da separação sem fundamento na igreja. Era intenção de Cristo que sua igreja visível fosse católica e uma só; e que, apesar da disseminação em todo lugar, por todo o mundo, de comunidades separadas de cristãos professos, ela fosse em realidade uma só, compreendendo todos e unindo todos, não fosse pelas fraquezas pecaminosas dos seus membros. Não pode ser ofensa pequena aquela que faz o reino único de Deus neste mundo parecer um reino dividido contra si mesmo, e propenso a desabar. De fato, seria impossível negar que pode haver razões concretas e suficientes para separar-se de algumas igrejas locais específicas. Não pode haver dúvida de que uma igreja específica possa apostatar

1 É por essas razões que se justifica a “comunhão ocasional” — ou comunhão nas ordenanças e nas obrigações ministeriais — entre igrejas que se mantêm separadas, no momento, de uma união mais chegada e permanente por causa de diferenças de governo, doutrina, etc. Compare CFW, XXVI: Da comunhão dos santos. [Para posterior discussão e aplicação desses princípios, veja o panfleto do autor: *The Union Question, being the substance of a Speech delivered in the Free Presbytery of Edinburgh*, 9 de janeiro de 1867, Edimburgo, 1867, p. 10–17, 27, 28. Veja o Apêndice A. *The Truth of the Unity of the Catholick Visible Church is the main ground of all Church Union and Communion: Durham, On Scandal*, Parte iv, cap. I, p. 248; Hudson, *Vindication of the Essence and Unity of the Church Catholike Visible*, cap. vi, §§ 2–7, viii, 1–8, etc.]

da fé, ou ser culpada de impor sobre seus membros condições de comunhão com as quais seria pecado condescender; e num caso assim a separação torna-se uma obrigação necessária, e não uma ofensa que se deve evitar. Mas em circunstâncias assim, o cisma não se deve ao partido que está se apartando, mas à igreja que compele à separação e a provoca. Dessa forma, ao sairmos dela, em vez de infringirmos, na verdade mantemos a elevada unidade da única igreja de Cristo. Mas se as partes se separam da comunhão da igreja visível de forma arbitrária, e sem fundamento suficiente, cometem grave e séria ofensa contra a autoridade de Cristo em sua casa. Separar-se da comunhão da igreja visível, e alargar as suas brechas de modo intencional, e por razões triviais, é colocar-se contra o desejo e o desígnio de Cristo de que o seu reino neste mundo fosse católico e uno. E quando o cisma se agrava pelo permanente abandono de uma profissão eclesiástica e de uma forma eclesiástica — quando a separação sem fundamento de qualquer igreja de Cristo se segue do repúdio de todos — quando se refugia a profissão exterior que torna alguém membro da igreja visível, e se renega toda comunhão cristã, incorre-se em culpa devastadora. “A igreja visível”, diz a Confissão de Fé, “é a casa e família de Deus, fora da qual não há possibilidade ordinária de salvação”²

III. Em terceiro lugar, os princípios que acabamos de enunciar lançam considerável luz nos princípios de unidade que se apresentam na igreja cristã. Tivemos ocasião de chamar a atenção para o fato de que a igreja invisível e a visível são tanto católicas como universais, mas que elas o são em sentidos um tanto diferentes; a catolicidade da igreja invisível é de tipo mais elevado e mais perfeito do que o da igreja visível. A mesma coisa é verdade com respeito à unidade da igreja. A igreja cristã é uma, quer se fale dela considerando sua característica invisível, quer se considere sua característica visível. Mas quanto à sua característica invisível, pertence-lhe uma unidade muito mais elevada, como também

2 CFW, XXV.2. [Calvino, *Institutas* IV.1.2-4, 12ss; Durham, *On Scandal*, Parte iv; M’Crie, *Unity of the Church*, p. 76-88; Owen, *On Schism, Works*, vol. xiii, edição de Goold, p. 112-114.]

mais completa, do que quanto à sua característica visível. Como igreja invisível de Cristo, a sua unidade característica é uma unidade espiritual, suscetível a características muito mais elevadas, como também de uma realização mais completa, do que no caso de uma igreja visível. Os membros da igreja invisível, ou os crentes verdadeiros, são cada um e todos eles unidos a Cristo, e unidos uns aos outros na comunhão do Espírito Santo. Eles são um com o seu Cabeça no céu, e com os seus membros aqui na terra, em consequência da comum participação no mesmo Espírito; e a unidade que dessa forma resulta na igreja invisível é do tipo mais elevado, e também mais íntimo e completo, do que é possível a qualquer relacionamento do tipo exterior. O único e indivisível Espírito de Deus é o elo e aquele que propicia a unidade da igreja invisível. É muito diferente com respeito à unidade que se pode atribuir apenas à igreja visível de Deus neste mundo. Os membros da igreja visível estão unidos numa comunhão exterior de privilégios e ordenanças numa expressão eclesiástica, por meio de uma profissão exterior; e a sua união com Cristo, como membros da igreja visível é, à semelhança de sua união uns com os outros, do tipo meramente exterior. Essa unidade da igreja visível não pode ser tão exaltada em suas características, nem em seu grau, como a unidade da igreja invisível. Ela é inferior em suas características; pois é uma união exterior e não uma união espiritual. E também é menos completa em extensão; pois é uma união formal, permitindo em si múltiplas diversidades interiores. A profissão exterior da fé e o relacionamento exterior com Cristo implícito na união dos membros da igreja visível pode consistir em muitas diferenças e divisões quanto a outros assuntos, por meio dos quais essa união se torna menos completa e íntima. A história da igreja cristã, de fato, é uma melancólica evidência de quão grandes e diversas podem ser as diferenças quanto à doutrina e prática que existem numa união exterior entre os homens, permanecendo todas elas num relacionamento exterior com Cristo, como membros da sua igreja. Sob a união formal e exterior da igreja visível podem-se ver

os sinais da profunda e triste divisão. A esse respeito, então, a unidade da igreja invisível é uma unidade de tipo muito mais elevado, e mais íntima em extensão, do que a da igreja visível; e uma das maiores dificuldades na aplicação e interpretação da linguagem das Escrituras com referência à igreja é discriminar as ocasiões em que se refere à unidade mais elevada da igreja invisível e quando se fala da unidade da igreja visível, inferior e menos perfeita. A Igreja de Roma não deixou de tirar vantagem dessa dificuldade, e costuma confundir, como se fossem intercambiáveis, as declarações das Escrituras com respeito à unidade da igreja invisível, com as declarações das Escrituras com respeito à unidade da igreja visível. E por essa razão a unidade exterior e formal da Igreja Católica Romana é apresentada por seus adeptos como se concretizasse tudo o que é dito no Novo Testamento a respeito da unidade da igreja de Cristo.³ Mas não se deve esquecer nunca que a união espiritual dos crentes na igreja invisível de Cristo é muito mais elevada e de tipo mais íntimo do que qualquer outra que possa concretizar-se de forma visível na forma ou característica de qualquer associação exterior. A unidade da igreja invisível é o ideal a que, em meio a todas as suas rupturas e divisões, a igreja visível só consegue chegar de forma imperfeita. A distância entre a unidade da igreja invisível e a da visível é ampla e notável, no presente estado de coisas. A glória da era do milênio pode talvez fazer com que a atual última se aproxime indefinidamente da que é ideal; mas até que chegue o dia da consumação de todas as coisas, elas jamais serão idênticas.⁴

IV. Em quarto lugar, os princípios apresentados com respeito à igreja católica e local são apropriados para explicar a promessa da perpetuidade concedida à igreja cristã. Há declarações nas Escrituras que parecem sugerir claramente que a igreja cristã deve sem-

3 [Bellarmino, *Op.* tomo I, Parte ii, liv. I, cap. ix; ii, liv. iv, cap. x. Möhler, *Einheit in der Kirche*, 2ª ed., p. 175–252. Perrone, *Praelect. Theolog.* Tomo I, p. 181ss.]

4 [Turretini, *Opera*, tomo iii, loc. xviii, qu. 5, 6, *De Unitate Ecclesiae*; Jurieu, *L'Unité de l'Eglise*, Parte 3me–5me; Litton, *Church of Christ*, p. 383–394.]

pre continuar existindo neste mundo, ainda que tudo a seu redor seja mundano e hostil. Deus nunca ficará sem o testemunho que a igreja dá do seu nome e da sua causa nesta terra. Ele a estabeleceu sobre uma rocha; e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Mas ao mesmo tempo em que existe essa promessa dada à igreja de forma geral, não existe uma segurança que tenha sido concedida às igrejas específicas. A promessa da perpetuidade, e o cumprimento dessa promessa na presença contínua de Cristo com a igreja, por meio do seu Espírito, diz respeito a seu caráter enquanto igreja católica, não como igreja local. Não há como duvidar de que Cristo estará com a sua igreja “todos os dias até à consumação do século”⁵, ministrando o apoio necessário e a graça para a sua constante sobrevivência na terra. Mas com respeito a nenhuma igreja específica na terra temos a garantia de alimentar tal segurança. Nas Escrituras encontramos não poucas ameaças de juízo e abandono, feitas contra igrejas específicas, ao ponto do completo extermínio por causa da infidelidade e apostasia; e a história nos conta como, no caso das sete igrejas da Ásia, se cumpriram essas ameaças. A Epístola aos Efésios permanece ainda no cânon das Escrituras, e é lida em todo o mundo; mas a Igreja de Éfeso está em ruínas, e não há ninguém mais ali, agora, para ler tal epístola. Igrejas locais podem extinguir-se sob o peso de sua própria infidelidade e pecados; mas a igreja universal não pode extinguir-se jamais, porque é sustentada pela promessa e pela proteção do seu Cabeça. A igreja católica pode, na verdade, ser mais ou menos visível no mundo. Multidões podem a ela ser adicionadas diariamente, à medida que são salvas; ou pode ela ser reduzida aos sete mil escondidos em Israel que não tinham dobrado os joelhos a Baal. Mas a promessa permanece com essa igreja católica; e é suficiente para a sua preservação na terra. Transferir para a Igreja de Roma a promessa da perpetuidade dada à igreja católica e universal de Cristo na terra é apenas mais uma das muitas perversões

5 Εγώ μεθ' ὑμῶν εἰμι πάσας τὰς ἡμέρας ἕως τῆς συντελείας τοῦ αἰῶνος: “todos os dias até a consumação, a conclusão final da presente dispensação” Mt 28.20.

das Escrituras de que o papismo é culpado.⁶

V. Em quinto lugar, os princípios que acabamos de apresentar são úteis, da mesma forma, para expor as declarações feitas nas Escrituras, que asseguram que a igreja de Cristo jamais se desviará da verdade. Não há razão nenhuma para duvidar de que haja promessas com respeito a esse assunto. Aos crentes em geral foi concedida a promessa do Espírito, não apenas para dirigi-los a toda a verdade, mas também para mantê-los em toda a verdade; e essa promessa continuará a cumprir-se até que a igreja na terra não mais precise dela, e quando os seus membros tiverem sido conduzidos para além do alcance da tentação de se desviarem da verdade. Mas essa promessa, à semelhança da promessa da perpetuidade, não foi concedida a nenhum grupo especial de crentes professos. Ela é concedida à igreja católica de Cristo, e não a uma igreja local; e tal promessa não outorga a nenhuma igreja específica a segurança de jamais apartar-se da verdade, caindo no erro. A história da igreja na terra apresenta registros de forma clara e inequívoca de como os mais puros se corromperam, e de que forma eles primeiro deixaram de combater como antes pela fé, e então avidamente adotaram o erro que antes combatiam. A igreja de Cristo, como católica e universal, é indefectível, ou, em outras palavras, será guardada de desviar-se completamente da verdade, mas isso não é assim com igrejas específicas, locais, das quais ela é composta; e é uma das trapaças mentirosas praticadas pela Igreja do Anticristo a mudança da promessa de indefectibilidade para infalibilidade, e depois apropriar-se desta qualidade alegando referir-se a si mesma⁷. Diz a Confissão de Fé: “As igrejas mais puras

6 Belarmino diz assim: “É fácil provar que a igreja verdadeira e visível não tem como deixar de existir. É preciso reparar, contudo, que muitos de nossos amigos desperdiçam o tempo tentando provar que a igreja, considerada de forma absoluta, precisa existir sempre. Pois Calvino e também outros heréticos admitem isso; apenas que eles dizem que precisamos aplicar isso à igreja invisível. Por essa razão, queremos provar que a igreja visível não pode deixar de existir.” Tomo ii, Parte I, liv. iii, cap. xiii. Turretini, *Op.* tomo iii, loc. xviii. qu. 8–10. Hodge, Art. *Perpetuity of the Church, Brit. and For. Ev. Rev.*, vol. vi, p. 69–90.

7 Belarmino diz assim: “Nossa doutrina é que a Igreja não pode errar de forma alguma, nem em assuntos totalmente essenciais, nem em outros assuntos que ela apresenta para crermos ou fazermos, quer estejam expressamente expostos nas Escrituras, quer não”. — Tomo ii, Parte I, liv. iii, cap. xiv. Perrone, *Praelect. Theolog.* Tomo I, p. 170–181.

debaixo do céu estão sujeitas à mistura e ao erro; algumas têm se degenerado ao ponto de não serem igrejas de Cristo, e, sim, sinagogas de Satanás; não obstante, haverá sempre sobre a terra uma igreja para adorar a Deus segundo a vontade dele mesmo”.⁸

⁸ CFW, XXV.5. Turretini, *Op.* Tomo iii, loc. xviii, qu. 11.

A IGREJA EM SUA DUPLA CARACTERÍSTICA CATÓLICA LOCAL

James Bannerman, D.D. (1807-1868), foi um renomado teólogo escocês. Nasceu em Cargill em 9 de Abril de 1807. Em 1833, depois de uma longa e destacada carreira na Universidade de Edimburgo, tornou-se ministro de Ormiston, em Midlothian. Em 1843 deixou a Igreja Estatal e foi para a Free Church (Escócia). Em 1849 foi nomeado professor de apologética e teologia pastoral no New College (Free Church) em Edimburgo, cargo que ocupou até sua morte em 27 de Março de 1868.

Em 1850 recebeu o grau de D.D. na Universidade de Princeton, New Jersey. Assumiu a liderança em vários movimentos públicos, especialmente aquele que levou, em 1843, à separação da Free Church do Estado e, posteriormente, das negociações para união entre as igrejas Presbiterianas não-conformistas da Inglaterra e da Escócia.

James Bannerman

Extrato da grande e clássica obra do Dr. James Bannerman: "A Igreja de Cristo", que será publicado em 2013 pela Editora Os Puritanos/CLIRE



Os Puritanos

Edição Digital – ospuritanos.org
Facebook/[ospuritanos.org](https://www.facebook.com/ospuritanos.org)